

APOGEU, DECLÍNIO E PATRIMÔNIO ÀS MARGENS DO ESTUÁRIO: RUA RIACHUELO, RIO GRANDE, RS

ELIZA FURLONG ANTOCHEVIS¹;
MARIA LETICIA MAZZUCCHI FERREIRA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – eliza.antochevis@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – leticiamazzucchi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é o espaço público urbano como patrimônio cultural. Mais especificamente, é a relação entre a paisagem de uma rua, a memória e o esquecimento. A rua é vista como uma pequena porção da cidade, uma amostra do conjunto de vidas e edificações que forma o núcleo urbano. Dessa forma, a Rua Riachuelo, às margens do Estuário da Laguna dos Patos, compõe o objeto de estudo deste trabalho. São apresentados os resultados parciais da pesquisa em desenvolvimento no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

A Rua Riachuelo, presente em mapas e aquarelas desde a década de 1820, foi criada a partir de aterros (QUEIROZ, 1987), que também ampliaram a antiga estrutura portuária a sua frente. A rua passou por diferentes períodos desde a sua criação, classificados por esta pesquisa da seguinte forma: primeiro tempo, no qual houve um desenvolvimento que levou a um apogeu; segundo tempo, que contou com transformações e um posterior esquecimento; e terceiro tempo, envolvendo ações de patrimonialização e memorialização para com o lugar. O objetivo geral é analisar os fatores que contribuíram para que a rua passasse por esses três diferentes tempos.

São utilizados conceitos que podem ser inseridos em três eixos: cidade; memória social e identidade; e patrimonialização e políticas públicas. O âmago da pesquisa é a compreensão da paisagem da rua enquanto um palimpsesto, que expereceia acumulações e substituições (SANTOS, 2006), como camadas de tempo que se sobrepõem. Quando essa paisagem é preservada tem-se “uma sensação de ordem e de quietude”, alheia às alterações impalpáveis que possam abalar a sociedade que a observa (HALBWACHS, 1990, p. 131).

2. METODOLOGIA

A paisagem da Rua Riachuelo é analisada em seu aspecto tangível, considerando as fachadas frontais das construções, os elementos da infraestrutura e o cais do porto. O exame dos dois primeiros tempos mostra como a paisagem foi construída e a relação entre ambos os lados da rua. A análise do tempo final, que abrange os dias atuais, evidencia os efeitos dos instrumentos de preservação patrimoniais aplicados e o panorama desta preservação.

Objetivando uma investigação intangível dessa paisagem, e a sua relação com a memória e a identidade local, são considerados relatos orais de antigos e atuais moradores, trabalhadores dos comércios e serviços e fregueses desses lugares. Os relatos das entrevistas contam as percepções sobre a rua, a convivência entre as diferentes atividades e a relação entre a paisagem natural do estuário e o

restante da rua. Da mesma forma, são investigados anúncios e matérias de jornais locais, que mostram o caráter geral do lugar ao longo do tempo.

As técnicas de pesquisa são variadas, envolvendo pesquisa bibliográfica (objeto de estudo e conceitos fundamentais) e pesquisa documental (jornais, relatórios, legislações, fotografias). Também é realizado levantamento físico-fotográfico das fachadas frontais dos imóveis privados e da estrutura do antigo porto. Essas ações têm por objetivo a coleta de dados para os desenhos técnicos das fachadas que serão a base para a futura execução das modelagens computacionais, também chamadas de maquetes “3D”. As modelagens permitirão a comparação entre os três tempos de forma imagética, somando-se assim às análises textuais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro tempo da rua teve início na década de 1820, quando a cidade do Rio Grande já contava com quase um século de existência, desenvolvendo-se às margens do estuário. Uma aquarela de Jean Baptiste Debret retratou o início da formação de alguns de seus quarteirões, e a movimentação das atividades portuárias naquele lugar em 1827 (BANDEIRA & LAGO, 2013, p. 456). A ampliação urbana teve segmento, com novos aterros sendo realizados. Na segunda metade do século XIX, fotografias registraram nesses quarteirões, em frente ao primeiro porto da localidade, casas térreas e sobrados, a maioria inserida na corrente luso-brasileira da arquitetura, somada a exemplares que evidenciavam elementos do eclétismo.

Alguns anos antes, haviam sido edificadas algumas das primeiras construções a oeste do porto, voltadas também para a Rua Riachuelo, como o primeiro Mercado Público Municipal daquelas proximidades, em 1847 (CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE, 1847), e a primeira Câmara de Comércio em 1848 (CESAR, 2016). Esses novos usos, somados aos iniciais (portuário e comercial), trouxeram um maior público para a rua. Na década de 1870, a construção do novo cais de pedra da Rua Riachuelo (CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE, 1873) contribuiu para o início de um momento de maior riqueza e apogeu para esse conjunto de usos. Apresentavam-se assim melhores estruturas para as atividades de importação e exportação.

Esse panorama atravessou o século e se manteve até a década de 1920, quando foram edificados os armazéns e previstos os gradis para a delimitação da área portuária (ALVES, 2008). O agora chamado Porto Velho, após a construção de um novo embarcadouro na cidade, tornava-se pouco acessível à população geral, transformando-se em um limite entre aqueles que circulavam pela rua e a paisagem natural do estuário. Tinha início um lento processo de esquecimento daquele lugar, de enfraquecimento da relação entre os dois lados da rua.

Foram constatadas transformações e descaracterizações, visíveis em alguns trechos da rua a partir dos anos 1940, principalmente nas proximidades com a Rua Benjamin Constant, através de fotografias presentes no acervo da Biblioteca Rio-Grandense. Na década anterior, o número de anúncios em guias e jornais locais acerca dos tradicionais comércios a atacado já era bastante reduzido na rua. Houve então um aumento de pensões, bares e prostíbulos. Além disso, alterações nos meios de transportes, pela abertura das rodovias estaduais para a circulação de automóveis, caminhões e ônibus, contribuíram para essa transformação (PIMENTEL, 1944).

Em meados da década de 1950, Rio Grande enfrentava uma crise econômica que teria reflexo em vários setores (NERY, 2021). O momento era de incerteza sobre o que viria e a ausência de segurança começava a ser registrada em ruas do

centro, na área histórica. O jornal Rio Grande informava que depois da retirada da Estação Rodoviária da Rua Riachuelo, o policiamento havia diminuído drasticamente. Aumentava a quantidade de estabelecimentos considerados de não muito boa reputação, confirmando a “posição negativa da rua” em relação ao centro (RIO GRANDE, 16 set. 1967).

Ainda em meio a esse cenário, a década de 1980 teve início. Algumas ações, porém, mostrariam o princípio de um tempo de memorialização e patrimonialização. Surgiram as primeiras legislações municipais que visaram proteger o patrimônio material da rua, enquanto uma parte da cidade histórica. Em 1987, era instalado em uma área do terceiro edifício da Alfândega o Museu da Cidade do Rio Grande, com a sua Coleção Histórica (ANJOS, 2012). Verifica-se que a permanência do museu que conta a história e as memórias da cidade, com entrada pela Rua Riachuelo, foi um incentivo à identidade local, convidando os habitantes e turistas a conhecer e apreciar o seu acervo e a paisagem da rua e do estuário.

Posteriormente, outros dois museus foram criados na rua, em dois armazéns do Porto Velho: o Museu do Porto, no Armazém 1; e o Museu Náutico da FURG, no Armazém 4. Eventos culturais ocorridos na cidade, após as flexibilizações referentes à pandemia do Covid-19, buscaram situar atividades na Rua Riachuelo, como mostras de cinema ao ar livre e passeios noturnos no Centro Histórico. Além disso, o lado da rua às margens do estuário apresenta boas perspectivas, através do projeto de Revitalização para o Porto Histórico. A execução do projeto é relatada como uma prioridade para o poder público municipal atual, que examina alternativas para financiamento da parte urbanística da revitalização (PORTOS RS).

O lado da rua que abriga os antigos casarões, ao contrário, apresenta descharacterizações acentuadas. Algumas edificações encontram-se em estado de ruína, enquanto outras já foram demolidas. Não havendo incentivos e condições de segurança para a permanência dos usos comercial, de serviços e residencial, vários imóveis privados estão atualmente fechados, correndo o risco de não receberem ações de conservação adequadas. A consequência pode ser a deterioração dos últimos exemplares dos tempos passados, que contam a história da cidade, através da rua.

4. CONCLUSÕES

Desde a sua criação, a Rua Riachuelo esteve vinculada ao importante porto em crescimento, cujas atividades expandiram-se junto às do comércio. Esse primeiro tempo marcou a paisagem da rua, definindo as suas primeiras camadas. A identidade portuária foi estabelecida pela ligação que existia entre ambos os lados da rua: a paisagem construída e a paisagem natural.

Após um longo período de estagnação, transformação, esquecimento e descharacterização, gerado por diversos fatores, existe uma tentativa de vincular a rua à parte mais preservada do Centro Histórico da cidade, através de atividades culturais. Em meio a isso, o projeto de revitalização para o Porto Histórico ganhou novos capítulos, anos após as primeiras discussões a esse respeito. Nesse meio tempo, o cais e os armazéns passaram por alguns processos de conservação, por serem bens institucionais.

Fachadas pouco ou muito alteradas dos outros imóveis, exemplares privados, apresentam-se como remanescentes do século XIX e da primeira metade de século XX, como testemunhos das ações de diversas vidas que ali estiveram. Ao seu lado estão ruínas, estacionamentos criados após demolições, construções novas que não melhoraram o aspecto do entorno. Ou seja, vista como um todo, a paisagem é

um reflexo da ausência de um olhar de preservação. Por tudo isso, considera-se que atualmente não há uma vontade de memória com relação a Rua Riachuelo.

Mesmo assim, não se pode diminuir o seu valor para com as memórias da área portuária, para a própria cidade enquanto patrimônio e para o Estado do Rio Grande do Sul. Uma rua que esteve conectada a diversos serviços e nações através de suas relações portuárias e comerciais, e hoje é endereço de importantes museus, enquanto iniciativas pontuais de valorização do lugar, precisa ter a sua biografia e o seu patrimônio registrados e divulgados, incentivando assim as memórias que ainda não se perderam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. N. **Porto e Barra do Rio Grande**: história, memória e cultura portuária. Porto Alegre: Corag, 2008.

ANJOS, D. M. **Acervo e sociedade**: Museu da Cidade do Rio Grande, RS. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande.

BANDEIRA, J.; LAGO, P. C. D. **Debret e o Brasil**: obra completa (1816-1831). Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2013.

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. **Relatório da Câmara Municipal de Rio Grande**. Rio Grande, 1847 e 1873.

CESAR, W. **A cidade do Rio Grande**: do big bang a 2015. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

RIO GRANDE [Jornal]. **Corujando**. Rio Grande: 16 out. 1967.

NERY, O. S. A musealização do patrimônio industrial no Museu da Cidade do Rio Grande/RS. **Revista Historiae**, Rio Grande, v. 12, n. 1, p. 171-192, 2021.

PIMENTEL, F. **Aspectos gerais do Município do Rio Grande**. Porto Alegre: Oficina Gráfica Imprensa Oficial, 1944.

PORTOS RS. **Revitalização do Porto Histórico**. Imprensa e Mídia Portos RS. Acessado em 11 jul. 2022. Online. Disponível em: https://www.portosrs.com.br/site/imprensa_e_midia/revitalizacao_porto_histórico

QUEIROZ, M. L. B. **A Vila do Rio Grande de São Pedro (1737-1822)**. Rio Grande: Editora da FURG, 1987.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.